

Revista Camões A Feliz Lusitânia Os 400 anos da fundação de Belém do Pará

Pág. 2/3



XII Congresso da Associação
Internacional de Lusitanistas
**Estudos portugueses com
«panorama entusiasmante»**

Pág.2/3

Português Mais Perto
**Plataforma vocacionada
para a emigração temporária**

Pág.4

Revista Camões Os 400 anos da *Feliz Lusitânia*



«Belém na Grande Amazônia»: Belém do Pará, 2016. Composição gráfica da TEMPLE Comunicações, Belém do Pará, Brasil

«O que é que faz com que Belém do Pará seja uma cidade diferente de qualquer outra urbe do antigo Império Português, da América e do próprio Brasil?». A pergunta é dirigida pela historiadora Maria Adelina Amorim ao arquiteto brasileiro Flávio Nassar,

responsável e fundador do FÓRUM LANDI/Universidade Federal da Universidade do Pará, entidade consagrada aos estudos e reflexão sobre o património de Belém do Pará. E as respostas estão não só na entrevista que Nassar dá à investigadora portuguesa

como um pouco por todos os textos que fazem parte do nº 25 da *Revista Camões*, dedicada a Belém de Pará, nos 400 anos – assinalados em 2016 – de «uma das mais importantes cidades de fundação portuguesa, hoje uma metrópole internacional na linha do Equador».

O lançamento da revista, a 16 de janeiro, no Anfiteatro da Biblioteca Nacional (BNP), em Lisboa, contou com presença da Presidente do Camões, I.P., Ana Paula Laborinho, da Diretora-Geral da BNP, Inês Cordeiro, e da coordenadora científica deste número da revista, a investigadora dos centros de História da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa e de História de Além Mar da Universidade Nova de Lisboa Maria Adelina Amorim, tendo a apresentação estado a cargo do historiador de arte Vítor Serrão. O lançamento, no dia do encerramento das celebrações – que incluíram, nomeadamente, exposições na Biblioteca Nacional de Lisboa (BNP) e no Palácio de Mafra e um ciclo de conferências na BNP – dos 400 anos da fundação da *Feliz Lusitânia*, o nome original de Belém do Pará, na «bocca do Rio das Amazonas».

Neste número da revista *Camões* participaram académicos, especialistas, estudiosos e amantes da cidade, quer das universidades do Estado do Pará, quer portugueses que se dedicam ao estudo desta «vasta e instigante região». A revista assume um «caráter multidisciplinar, em que se privilegiam as áreas da História e da Cultura, com ênfase na Literatura e relações literárias entre o Pará e Portugal, mas também do Direito, do Urbanismo e da Geografia», entre outras.

Num texto de abertura, a Presidente do Camões, I.P. escreve que a leitura da revista revela a «acentuada matriz portuguesa» dos primórdios de Belém do Pará, «que consubstancia a sua identidade, ainda hoje de profunda ligação a Portugal, não só pelo seu património histórico e arquitetónico, mas também pela língua portuguesa falada no Pará, que tem características diferentes do resto do Brasil, mantendo uma proximidade com a língua primitiva».

A criação, a 12 de janeiro de 1616, da primeira povoação portuguesa no interior da Amazônia por uma expedição capitaneada por Francisco Caldeira de Castelo Branco deu-se na sequência da expulsão dos franceses da região norte do Brasil, refere a coordenadora científica deste número da revista, Maria Adelina Amorim, no texto introdutório sobre as celebrações dos 400 anos da fundação de Belém do Pará, tema que é mais desenvolvidamente tratado no artigo *São Luís, Santa Maria e Belém: conquista, fundação e (des)governo, 1614-1618*, da autoria de Luís Costa e Sousa e Maria Adelina Amorim.

BOLONHA EQUATORIAL
A também bolsreira da Fundação para a Ciência e Tecnologia e especialista em História da Amazônia Colonial, Missionação, Lusofonia e Literatura de Viagens afirma que o batismo da povoação com o nome de *Feliz Lusitânia* foi «como uma espécie de prognóstico

XII Congresso da Associação Internacional de Lusitanistas Estudos portugueses com «panorama entusiasmante» – Roberto Vecchi

«A Associação Internacional de Lusitanistas (AIL) vai realizar entre 23 e 29 de julho próximo, em Macau, no Instituto Politécnico, o seu XII Congresso. Sobre a preparação deste fórum – que tem o apoio, entre outras entidades, do Camões, I.P. – fala numa entrevista feita por escrito o Presidente da AIL, o professor da Universidade de Bolonha Roberto Vecchi, para quem o panorama internacional dos estudos portugueses nos últimos anos é «entusiasmante», graças aos investimentos feitos por Portugal e Brasil.

– O que são os lusitanistas?
Os lusitanistas – o nome poderia parecer anacrónico e às vezes discutível – são os estudiosos das culturas de língua portuguesa. Não discriminados por disciplina (o grupo originário limitava-se às áreas da linguística e da literatura) e em contextos profissionais diferenciados. Predominam a universidade e os centros de investigação, mas há lusitanistas também independentes que exercem outras profissões e intervêm a partir das suas especialidades.

PLATAFORMA9
– Quais são objetivos da AIL?
A promoção dos estudos de vários âmbitos nas culturas de língua portuguesa, no signo da diversidade e da riqueza que marca todos os âmbitos da disseminação da língua. Somos os agentes (ou como o JL uma vez disse, ‘os apóstolos’) de difusão espalhados pelo mundo, presentes nos cinco continentes.

É claro que a esse objetivo geral correspondem ações específicas como a plataforma9 (<http://plataforma9.com/>) [portal cultural do mundo de língua portuguesa], que foi inaugurada em Cabo Verde, por ocasião do XI Congresso, em 2014, e que é hoje o principal banco de dados, no amplo leque das ciências humanas e sociais de língua portuguesa, sobre iniciativas científicas e culturais, financiamentos, bolsas e emprego, formação., etc. A plataforma9 tem uma média mensal de 57mil visitantes. Ou como a edição da revista Veredas, que foi lançada no congresso do Rio, em 2001, por Helder Macedo, e que hoje estamos a atualizar com a editora Regina



Roberto Vecchi

Dalcastagnè (da Universidade de Brasília), em vista dos novos desafios que garantam a qualidade e a continuidade da tradição editorial. Ou como os congressos trienais que são o coração pulsante da vida da associação, às vezes preparados nos assim chamados Intercongressos, que oferecem ocasiões temáticas e geográficas intermediárias no triénio de atividades. E pela primeira vez

estaremos na Ásia: o XII Congresso será justamente em Macau de 23 a 29 de Julho, um espaço novo de diálogo e contaminação, assim como foi o nosso primeiro congresso em África em 2014, no Mindelo.

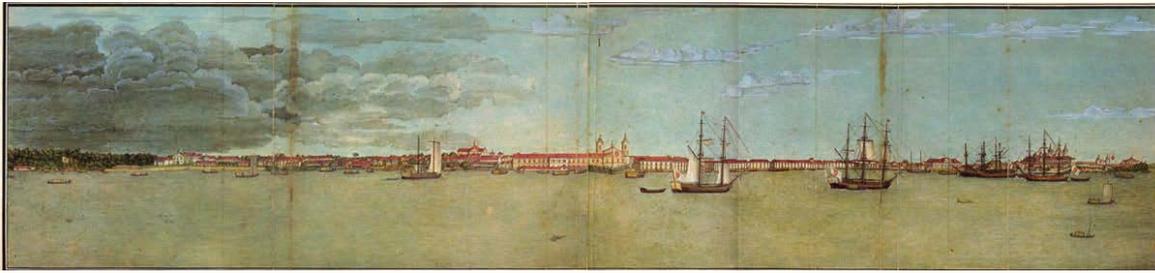
– Quantos e onde são os associados da AIL?
Os associados medem-se sempre por ocasião do congresso trienal, quando

se renovam os órgãos. Digamos que a bacia ampla que corresponde à nossa newsletter envolve acerca de 1.300 associados espalhados por todos os continentes. A concentração maior é no Brasil e em Portugal, e na Europa, com um significativo crescimento, em particular na Europa do Leste. Os congressos estão a abrir espaços novos e potencialmente riquíssimos, como África (a partir do Congresso de Cabo Verde) e agora o desafio da Ásia.

(...) A tarefa que esta presidência assumiu foi equilibrar as muitas iniciativas existentes e criar as condições ideais para que os associados possam encontrar um ambiente favorável e aproveitar melhor o seu potencial de diálogo e de reflexão que é o verdadeiro património da nossa comunidade.

– Que equilíbrios estão representados na direção da AIL?

O conselho diretivo foi reformulado por iniciativa do então presidente Elias Torres Feijó, em 2014, e responde à dupla exigência de garantir uma governança sólida, ainda que complexa (porque disseminada pelo globo, mas em tempo de internet isto tem-se tornado um problema secundário), com duas vice-presidências (Claudia Pazos Alonso e Elias Torres Feijó), um secretário-geral (Vincenzo Russo), mas também uma representação geográfica a mais ampla possível. Por isso foi criado um órgão como o conselho assessor, hoje dirigido por Ettore Finazzi Agrò, e constituído pelo organizador do



'Prospecto da Cidade de Santa Maria de Belém do Grão Pará, Joaquim José Codina. 20 de maio de 1784. Desenho aguarelado.'

que viria a ser uma das cidades de maior influência lusa no Mundo», logo nascida «com a sua Rua Direita e o cais na enseada aberta à insondável floresta».

Conhecendo depois as designações de Santa Maria do Grão-Pará, Santa Maria de Belém do Grão-Pará e, finalmente, Belém, a cidade foi desde o consulado pombalino (século XVIII) «capital do antigo Estado do Grão-Pará e Maranhão, o mais importante centro económico da época, esgotados que estavam os “fumos da Índia”, o pau-brasil, o ouro e diamantes das Minas Gerais», à época na dependência direta de Lisboa. «Belém e a Amazônia seriam no período pombalino o principal objeto de atenção do Estado português», que, em sinal dessa importância, para lá enviou «políticos – o próprio Governador do Estado, Francisco Xavier de

Mendonça Furtado era irmão do Marquês de Pombal –, cientistas, artistas, cartógrafos, arquitetos, literatos, magistrados, homens experientados de todas as artes e saberes».

Foi aqui que se firmou a enorme pujança cultural de Belém, no dizer de Flávio Nassar, que fala mesmo, para o período pombalino na «presença direta da Corte», entendida esta por governadores-gerais do Grão-Pará e Maranhão «imbuídos das ideias de um Iluminismo Tardio». «Há uma elite portuguesa que quer retomar um projeto de Nação. Esses homens vêm para cá com todos os seus acompanhantes, isso a que chamo de Corte, e aqui vão ter uma influência específica, sobretudo no final do ano passado. Temos agora umas 90 propostas enviadas que foram e estão a ser examinadas pela comissão científica. Têm origem em inúmeros países, Europa e Brasil em particular. Mas temos já, por exemplo, painéis da Ásia em fase de articulação que nos alegram muito, tal como grande satisfação nos dá receber painéis, por assim dizer, ‘mistos’, com congressistas ocidentais e orientais que se agregam estudando temas comuns.

é ensinado é crescente. Carlos Ascenso André, um histórico da AIL, está neste momento na condução deste projeto no Instituto Politécnico de Macau. Foi por isso uma opção quase obrigatória inscrever Macau no nosso horizonte.

– Quantos congressistas estão já inscritos e quantos são esperados?
Abrimos as inscrições no verão e o número de comunicações inscritas está a crescer exponencialmente, sobretudo no final do ano passado. Temos agora umas 90 propostas enviadas que foram e estão a ser examinadas pela comissão científica. Têm origem em inúmeros países, Europa e Brasil em particular. Mas temos já, por exemplo, painéis da Ásia em fase de articulação que nos alegram muito, tal como grande satisfação nos dá receber painéis, por assim dizer, ‘mistos’, com congressistas ocidentais e orientais que se agregam estudando temas comuns.

As inscrições estão abertas até abril e a nossa previsão é ter um congresso com uns 200 participantes. Estamos particularmente felizes porque percebemos que os investigadores novos estão a captar o espírito do congresso que é de permanente renovação (...).

– É esperada a participação de personalidades de renome do mundo académico ligadas aos estudos lusitanísticos?
Tanto os convites às personalida-

des, e fortemente ligado a Portugal, o Pará apenas reconheceu a independência do Brasil a 15 de agosto de 1823, quase um ano após a sua proclamação no resto do país».

A ligação da cidade a Portugal manteve-se mesmo para além daquela data, «quer pelas diversas levas de imigrantes portugueses que a demandaram já depois da independência do Brasil, quer pela importância que a Cultura portuguesa sempre teve para a região», sustenta ainda Maria Adelina Amorim, que fala também no seu texto da «importância estratégica» da cidade no contexto do Império Português, pelo papel que teve na revisão dos limites na região do Tratado de Tordesilhas e como zona-tampão «face a franceses, espanhóis, ingleses e holandeses», permitindo a Portugal «manter o Amazonas e sua vastíssima região debaixo do seu sinal e administração».

des, como a comissão de honra, encontram-se atualmente em construção. Teremos algumas personalidades de renome (escritores, ensaístas, professores...) que falarão do Oriente na perspetiva criativa ou artística. Outras personalidades intervirão sobre as potencialidades da língua portuguesa, a mais-valia das culturas que se expressam nesta língua. Quanto ao amparo institucional, incluiremos as instituições, no Ocidente e no Oriente, que estão comprometidas com a promoção e a divulgação das culturas em que nos reconhecemos como investigadores e estudiosos.

– Como será feita a difusão das conclusões?
Pre vemos sempre um desenvolvimento das conclusões em volume, que não são meras recolhas de atas, mas a reelaboração em ensaios das contribuições apresentadas. É importante esta passagem, porque o espírito dos debates e dos diálogos dos congressos AIL se conserva pela publicação, não das comunicações, mas do que surgiu a partir das apresentações realizadas, que representam uma oportunidade de confronto internacional única no âmbito dos estudos de língua portuguesa.

– Qual é o panorama internacional dos estudos portugueses nos últimos anos?
É uma paisagem entusiasmante. O grande investimento que foi realizado em países como Portugal e o

Mas não só pela política essas ligações são patentes. A ‘cidade velha’, património histórico nacional do Brasil, «mantém as características urbanas e arquitetónicas da época da fundação, com casas, ruas, praças, igrejas, conventos e mercados de matriz lusa». E no dizer de Adelina Amorim, nem o crescimento da cidade pôs em causa «essa identidade que a ligava/liga a Portugal», exemplificando a investigadora com o uso continuado de azulejos, «a decoração a estuque dos interiores ou o mobiliário de forte marca portuguesa».

A chamada à região de técnicos de primeira plana da Europa, no período que antecedeu a negociação das fronteiras, no século XVIII, tornou Belém, no entanto, «um caso único em todo o sistema do antigo império». Artistas italianos – em que se destaca Giuseppe Landi, da importante Escola dos

Bibieta –, fizeram de Belém «uma das mais altas expressões, e única, da melhor arquitetura e arte europeias da altura». «A Belém de Landi, com os seus palácios, conventos, igrejas e edifícios civis, ainda hoje é um selo de distinção em toda a América. A Bolonha Equatorial».

A riqueza trazida pela exploração da borracha na Amazônia, entre 1830 e 1860, permitiria depois à cidade dotar-se de um conjunto de edifícios ao estilo francês da Belle-Époque, com relevo para o Theatro da Paz, seguindo o figurino do Scala de Milão. Mas a riqueza trouxe também à região «centenas e centenas de portugueses», que formariam em Belém «um novo Portugal», segundo a investigadora, que destaca a influência sobre a língua, que mantém «uma proximidade com a língua-mãe, ainda hoje denotada». «A Imprensa oitocentista revela bem a importância da comunidade portuguesa fixada em Belém», traduzida na existência de instituições de portugueses aí residentes, na recetividade aos escritores portugueses, na religiosidade, e nos produtos de origem portuguesa da dieta belenense.

Na entrevista publicada na revista, o arquiteto Flávio Nassar afirma ainda que «Belém, no ambiente das semelhanças das cidades portuguesas espalhadas pelo mundo, foi uma das mais relevantes, e esta importância deixa marcas até hoje».

próximo congresso – Carlos Ascenso André, do Instituto Politécnico de Macau, e cinco colegas que expressam a diversidade também geográfica da AIL (dois europeus, um africano, um brasileiro).

O CONGRESSO DE MACAU – Qual é o tema e o programa do XII Congresso da AIL?

Resolvemos não afunilar num único tema o Congresso de Macau. Uma associação como a nossa encontra-se na diversidade. Por isso temos dois pilares que são o espetáculo da língua portuguesa no mundo (num lugar como Macau, que hoje retine, provavelmente, a principal oferta de formadores desta língua) e o encontro de culturas (num momento historicamente tão crítico para falar de encontros no plural). A ideia de um lugar e de uma língua onde as culturas justamente se encontram é o nosso tema plural na pauta.

– Por que razão foi escolhida Macau para palco do Congresso?

Normalmente escolhe-se o local do congresso no congresso anterior ou seja 3 anos antes. Depois da Europa, América do Norte e do Sul, África, um continente que faltava era a Ásia. E é impossível ignorar o enorme crescimento da língua portuguesa e dos estudos que a ela se associam neste momento, por exemplo na China, com a construção de uma rede onde o número de universidades onde o português

História

A Associação Internacional de Lusitanistas (AIL) é uma das mais antigas associações internacionais de investigadores dos estudos em língua portuguesa, afirma o seu Presidente, o professor italiano Roberto Vecchi. A AIL foi fundada em 1984, em Poitiers, e o seu primeiro Presidente foi o Professor René Lawton.

Depois do II congresso em Leeds, em 1987, seguiu-se em 1990 um congresso em Coimbra, cuja Universidade é, segundo Vecchi, «a matriz da AIL, onde ela está formalmente sediada». Esse Congresso, acrescenta o académico, deu à AIL «dimensões relevantes» e uma geração estável.

Roberto Vecchi destaca os «presidentes de excelência» da AIL – o português Helder Macedo, a francesa Ria Lemaire, o português Carlos Reis, a brasileira Regina Zilberman e, antes dele, o galego Elias Torres Feijó – bem como as «constelações de colegas que avivaram a AIL», como Onésimo Teotónio de Almeida, Tom Earle, Ettore Finazzi Agrò, Carlos Ascenso André, Peter Petrov, Benjamin Abdala Júnior, Isabel Pires de Lima, Ferenc Pal entre os outros.

«As raízes profundas e sólidas da nossa associação são testemunhadas pelos dois presidentes honorários que temos, Cleonice Berardinelli e Helder Macedo», sublinha.



Exposição Carrilho da Graça: Lisboa em périplo internacional

«A exposição Carrilho da Graça: Lisboa – que em 2017 vai prosseguir o seu périplo internacional, na América Latina e na Europa, depois de, pela primeira vez, ter sido mostrada fora de portas na Colômbia, em outubro passado –, não é uma exposição sobre a obra do arquiteto português e os seus trabalhos concretos, embora eles também lá estejam... É antes uma exposição sobre a forma como Carrilho da Graça olha para o meio com que labora, «ilustrado a partir da cidade sobre a qual tem trabalhado desde há mais de 30 anos: Lisboa», segundo escreveram as curadoras desta exposição – Marta Sequeira e Susana Rato –, apresentada pela primeira vez na *Garagem Sul – Exposições de Arquitetura*, no Centro Cultural de Belém, em Lisboa, de setembro de 2015 a fevereiro de 2016, e patente, entre outubro e dezembro, no Museu de Arquitectura *Leopoldo Rother*, em Bogotá, com o apoio do Camões, I.P. e da Embaixada de Portugal na capital colombiana.

Num texto que escreveram para o catálogo da exposição, as curadoras afirmam que os materiais da retrospectiva de Carrilho da Graça «permitem a nossa aproximação a uma teoria do território, enunciada numa planta e numa maquete de Lisboa, e reiterada pelas maquetas dos projetos». Segundo elas, «trata-se de uma teoria que compreende o facto de as linhas e pontos notáveis que caracterizam a topografia estarem na base dos percursos e assentamentos humanos e, portanto, da construção da cidade e da sua arquitetura».

Lisboa, acrescentam, é um «extraordinário exemplo» dessa *teoria do território*: «os promontórios coincidem com os edifícios singulares, as linhas de cumeeada concordam com as primitivas vias de deslocação, enquanto as linhas dos caminhos ao longo das meias-encostas e dos vales, e em conjunto com as anteriores, estabelecem uma malha de percursos e desenham os primeiros limites da compartimentação do território».

Através desta estratégia de análise, dizem, «Carrilho da Graça parece procurar a revelação de uma espécie de permanência, de invariável prévia 'que recebe a nossa existência e é marcada por ela'». O arquiteto e professor «gosta de imaginar que 'o território possui uma estrutura própria que constitui o sistema inicial de suporte da vida do homem neste planeta'».

Esta metodologia projetual permite «uma síntese do existente, distinguindo o elementar do acessório, tendo em conta a sua espessura histórica, e desmentindo

a apreendida incompatibilidade entre o exercício da investigação e o desempenho da prática», explicam as curadoras, para quem «o propósito de que o projeto de arquitetura assenta na análise do território subjaz (...) a toda a obra de João Luís Carrilho da Graça, que adquiriu o que melhor se poderia denominar como 'vocalização territorial'».

A seleção de obras apresentadas na exposição, e no catálogo sobre ela produzido pelas curadoras, «corresponde a um *catalogue raisonné* dos trabalhos de Carrilho da Graça para a cidade de Lisboa». Além de muitos edifícios existentes, estão representados projetos que não chegaram a ser concretizados, bem como outras versões dos edifícios construídos.

A itinerância este ano por Espanha, França e quatro países da América do Sul da exposição de Carrilho da Graça foi um dos projetos apoiados no âmbito do concurso de 2016 de Apoio à Internacionalização das Artes da Direção-Geral Artes. O Camões, I.P. associar-se-á ao projeto de circulação internacional da exposição.

Depois de Bogotá, volta a ser mostrada na América do Sul, em São Paulo, no Museu da Casa Brasileira em São Paulo, entre 1 de fevereiro e 19 de março, voltando à Europa para ser exibida no Museu Marítimo de Barcelona (de 28 de fevereiro a 30 de abril) e na École Nationale Supérieure de Paris Val de Seine (de 24 de maio a 24 de junho). Seguir-se-ão o Centro de Exposiciones Subte de Montevideo e a Facultad de Arquitectura, Diseño y Urbanismo de la Universidad de la República (de 30 de junho a 6 de agosto) e a Bienal Internacional de Arquitectura de Buenos Aires (de 16 de setembro a 15 de outubro).

Português Mais Perto

Plataforma de ensino a distância vocacionada para a emigração temporária

«O ensino de Português Língua Materna (PLM) vai ter desde este mês de fevereiro um novo instrumento de ensino a distância. A plataforma digital *Português Mais Perto*, desenvolvida pela Porto Editora, em parceria com o Camões, I.P., no âmbito de um protocolo assinado em setembro passado, é apresentada na próxima semana numa cerimónia com a participação do secretário de Estado das Comunidades, José Luís Carneiro.

O desenvolvimento da plataforma surge como resposta às novas necessidades de ensino do português, em resultado das alterações havidas nos últimos cinco anos na emigração portuguesa, que levaram a que um número apreciável de crianças e jovens que frequentavam a escola em Portugal se deslocasse para o estrangeiro com os seus pais, por períodos curtos, sem poder prosseguir os seus estudos de PLM.

Em setembro passado, José Luís Carneiro referiu que os dados do Instituto Nacional de Estatística (INE) mostram que desde 2011, 485 mil portugueses foram para o estrangeiro, dos quais cerca de 285 mil regressaram ao fim de menos de um ano. A tendência temporária e circular da emigração está a crescer, tendo as saídas temporárias, nesse período, passado de 56% para 63% do total.

As famílias envolvidas nestas saídas temporárias procuram manter a ligação



dos seus filhos com a língua portuguesa. No entanto, a atual oferta de cursos de português Língua de Herança (PLH) não integra o perfil linguístico das crianças e jovens destas famílias, que apresentam um desenvolvimento linguístico análogo ao dos seus colegas em Portugal.

A rede de Ensino Português no Estrangeiro (EPE) atualmente existente, em regime de ensino presencial, é dirigida às comunidades portuguesas e de língua portuguesa já radicadas há muito na Europa e nas Américas. Contudo, a nova plataforma *Português Mais Perto* terá também como uma das suas duas valências o ensino em linha de PLH.

A plataforma vai assim permitir que as crianças, adolescentes e jovens destas famílias que emigram por períodos curtos «não percam o contacto e o processo de aprendizagem da língua portuguesa», explicou José Luís Carneiro.

A nova plataforma permite ainda aos filhos de famílias residentes no

exterior «aprender português em casa, com acompanhamento e certificação» do Camões, I.P., adiantou em janeiro, numa visita ao Reino Unido, o secretário Estado das Comunidades, que referiu ir ter a plataforma «duas modalidades: ou de autonomia total, com o apoio dos pais, ou de tutoria, que terá a supervisão do Camões, I.P.».

Segundo um documento do Camões, I.P., «no contexto da leitura, da gramática, da fonética, todas as tarefas [da aprendizagem autónoma] apresentarão as respetivas respostas, num processo de autocorreção». O documento frisa, no entanto, que «esta 'aprendizagem autónoma' requererá o acompanhamento dos pais, dos encarregados de educação».

Outra preocupação do projeto desenvolvido com a Porto Editora, envolvendo profissionais e técnicos de ambas as partes, é que ele «seja o 'mais amigável possível' para as crianças».

A editora portuguesa, que há mais de 70 anos se dedica à publicação de edições na área da Educação, cabe «desenvolver todos os conteúdos e realizar todos os investimentos necessários para que a plataforma se apresente sempre atualizada e capaz de responder às necessidades e expectativas dos seus utilizadores». Ao Camões, I.P. cabe validar os conteúdos e, depois, a responsabilidade da modalidade com tutoria, tanto do ensino de PLM como de PLH.

Novas instalações do Centro de Língua Portuguesa em Goa

«As novas instalações do Centro de Língua Portuguesa (CLP) do Camões, I.P. em Pangim, Goa, foram inauguradas a 11 de janeiro pelo primeiro-ministro português, António Costa, durante a visita àquele estado indiano.

O novo CLP localiza-se na rua de Ormuz, numa zona central e muito privilegiada, junto ao rio Mandovi e na proximidade de importantes centros e instituições culturais em Pangim.

Tem uma área aproximada de 300 metros quadrados e é composto por sete divisões, que incluem duas salas de aulas, uma sala de conferência, uma biblioteca com um acervo bibliográfico que conta com mais de 2.500 títulos, uma sala de computadores, uma sala de leitura e uma sala de reuniões.

Na inauguração, o primeiro-ministro salientou a importância de promover a língua portuguesa, tendo em conta os desafios da globalização, e referiu a necessidade de se apostar na internacionalização do português, como ferramenta e instrumento de trabalho nas relações interculturais, mas também nos negócios. António Costa acrescentou que a promoção da língua



portuguesa pode e deve beneficiar da posição estratégica de Goa no contexto da afirmação da Índia como potência mundial.

O novo CLP deve também afirmar-se como um centro de difusão das culturas dos países lusófonos e valorizar o sincretismo cultural que se desenvolveu em Goa. A cerimónia contou com a presença de Alina Saldanha, ministra do governo de Goa, Nailini Singla, embaixadora da Índia em Lisboa, Luís Filipe Castro Mendes, ministro da Cultura, Manuel Heitor, ministro da Ciência, Tecnologia e Ensino Superior, João da Câmara, embaixador de Portugal em Nova Deli, Rui Carvalho Baceira, cônsul-geral de Portugal em Goa, entre outras personalidades portuguesas e indianas.



Camões, I.P.

Av. da Liberdade, n.º 270
1250-149 Lisboa
TEL. 351+213 109 100
FAX. 351+213 143 987

www.instituto-camoes.pt

jlencarte@camoes.mne.pt

PRESIDENTE Ana Paula Laborinho

COORDENAÇÃO Vera Sousa

COLABORAÇÃO Carlos Lobato